# RESSALVA

Atendendo solicitação do(a) autor(a), o texto completo deste documento será disponibilizado somente a partir de 07/09/2026.

**FLÁVIO RIBEIRO DE OLIVEIRA**

# DESAFIOS E POSSIBILIDADES DO ENVELHECIMENTO DA POPULAÇÃO NEGRA ATENDIDA NA ESTRATÉGIA DA SAÚDE DA FAMÍLIA

**ASSIS/SP**
**2025**

**FLÁVIO RIBEIRO DE OLIVEIRA**

# DESAFIOS E POSSIBILIDADES DO ENVELHECIMENTO DA POPULAÇÃO NEGRA ATENDIDA NA ESTRATÉGIA DA SAÚDE DA FAMÍLIA

Tese apresentada à Universidade Estadual Paulista, Campus de Assis (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para a obtenção do título de Doutor em Psicologia - Área de Conhecimento: Psicologia e Sociedade, linha de Pesquisa: Processos psicossociais e de subjetivação na contemporaneidade.

Orientadora: Profa. Dra. Mariele Rodrigues Correa

**ASSIS**

**2025**

O48d

Oliveira, Flávio Ribeiro de
Desafios e possibilidades do envelhecimento da população negra atendida na estratégia da saúde da família / Flávio Ribeiro de Oliveira. -- Assis, 2025
159 p.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis
Orientadora: Mariele Rodrigues Correa

1. envelhecimento da população negra. 2. racismo. 3. estratégia da saúde da família. 4. modo capitalista de produção. 5. subjetividade. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Dados fornecidos pelo autor(a).

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

**Câmpus de Assis**

**ATA DA DEFESA PÚBLICA DA TESE DE DOUTORADO DE FLÁVIO RIBEIRO DE OLIVEIRA, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS - CÂMPUS DE ASSIS.**

Aos 07 dias do mês de março do ano de 2025, às 8h30min, no(a) Sala de Defesas da Pós-graduação e sala virtual: meet.google.com/wca-hdum-zfo, realizou-se a defesa de TESE DE DOUTORADO de FLÁVIO RIBEIRO DE OLIVEIRA, intitulada **DESAFIOS E POSSIBILIDADES DO ENVELHECIMENTO DA POPULAÇÃO NEGRA ATENDIDA NA ESTRATÉGIA DA SAÚDE DA FAMÍLIA**. A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Profa. Dra. MARIELE RODRIGUES CORREA (Orientador(a) - Participação Presencial) do(a) UNESP/FCL - Assis, Prof. Dr. PAULO VITOR PALMA NAVASCONI (Participação Presencial) do(a) UNESP/FCL - Assis, Profa. Dra. ANDREIA DUARTE ALVES (Participação Presencial) do(a) UNESP/FCL - Assis, Prof. Dr. ADRIANO DA SILVA ROZENDO (Participação Virtual) do(a) Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Profa. Dra. ANA VITÓRIA SALIMON CARLOS DOS SANTOS (Participação Virtual) do(a) Centro Universitário de Adamantina (FAI). Após a exposição pelo doutorando e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, o discente recebeu o conceito final: __APROVADO___. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.

Mariele Rodrigues Correa

Profa. Dra. MARIELE RODRIGUES CORREA

*Dedico este trabalho às minhas ancestrais...*

## AGRADECIMENTOS

Ao Senhor Jesus, meu Mestre que me ensinou e me ensina que todos os dias é possível amar.

À minha família, esposa e filhas, pela paciência e pelos momentos compartilhados.

À minha orientadora, Profª Drª Mariele Rodrigues Correa que partilhou comigo seus saberes e moldou minha sensibilidade para a escuta.

Aos professores que me auxiliaram nessa jornada e de maneira honrosa, in memoriam, o Profº Drº Abílio da Costa-Rosa que me possibilitou delinear a ética na escuta.

Ao Profº Dr Waldir Périco pelas supervisões que proporcionam o refinamento da escuta clínica.

Às Agentes Comunitárias de Saúde que são grandes responsáveis para que a pesquisa fosse realizada.

À banca examinadora de defesa, pela valiosa contribuição.

Às companheiras e aos companheiros da comunidade religiosa que frequento.

## RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo cartografar o envelhecimento da população negra atendida em uma Estratégia da Saúde da Família de um bairro periférico de um município de porte médio do Estado de São Paulo. Os estudos sobre o envelhecimento populacional têm destacado a pertinência de aprofundar conteúdos específicos sobre o envelhecimento da população negra na área da saúde. É significativo que os dados demográficos apontem que a maioria da população brasileira pertence a população negra e na velhice esses dados se invertam, indicando que a maioria dos idosos pertença a população branca. Fundamentamos nossa abordagem na Cartografia de Gilles Deleuze (1925-1995) e Félix Guattari (1930-1992) e no materialismo histórico-dialético da obra Karl Marx (1818-1833) procuramos abordar aspectos que associam o Modo Capitalista de Produção à escravidão e ao racismo e como isso produz subjetividade na população negra. Analisamos como o racismo, sustentado pelo modelo hegemônico do capitalismo, se estrutura na sociedade e se insere nos equipamentos de saúde, principalmente na Estratégia da Saúde da Família. Verificamos como o racismo se desdobra em discriminação e iniquidade nas políticas públicas da área da saúde, produzindo desigualdade entre o envelhecimento da população negra em relação a população branca. Compreendemos que existem leis de proteção para idosas e idosos pertencentes a população negra que estão em implantação. Percebemos que o processo de envelhecimento da população negra possui desafios e suas possibilidades. Diante do racismo estrutural na sociedade brasileira a população negra produz formas de resistência e sobrevivência que viabilizam experiências através da ancestralidade e do aquilombamento. As narrativas das idosas e dos idosos ouvidas por meio de entrevista revelaram histórias marcadas por dores profundas e ao mesmo tempo constatam as maneiras como conseguiam lidar com tais impasses. Destacamos, por fim, o trabalho das Agentes Comunitárias de Saúde que desempenham um papel fundamental em conectar os usuários com a equipe de saúde.



**Palavras-chave:** envelhecimento da população negra; racismo; estratégia da saúde da família; modo capitalista de produção; subjetividade.

**ABSTRACT**

The present study aims to map the aging of the black population assisted in a Family Health Strategy in a peripheral neighborhood of a medium-sized municipality in the State of São Paulo. The studies about the aging population have highlighted the relevance of deepening specific subjects about the aging of black population in the health field. It is significant that the demographic data indicate that the Brazilian population's majority belongs to the black population and in old age these data are inverted, indicating that the majority of the elderly belong to the white population. We based our approach on the Cartography of Gilles Deleuze (1925-1995) and Félix Guattari (1930-1992) and on the historical-dialectical materialism of the work of Karl Marx (1818-1833) we sought to address aspects that associate the Capitalist Mode of Production with slavery and racism and how this produces subjectivity in the black population. We analyzed how racism, sustained by the hegemonic capitalist model, is structured in society and inserted in healthcare, especially in the Family Health Strategy. We verified how racism unfolds in discrimination and inequity in public policies in the health field, producing inequality between the aging of the black population in relation to the white population. We understood that there are protection laws for elderly men and women belonging to the black population that are being implemented. We noticed that the black population's aging process has challenges and its possibilities. In the face of structural racism in Brazilian society, the black population produces means of resistance and survival that enable experiences through ancestry and *aquilombamento*. The narratives of the elderly men and women heard through interview revealed stories scarred by deep pain and, simultaneously, ascertained the ways in which they were able to deal with such impasses. We highlighted, lastly, the work of Community Health Agents who play a key role in connecting users with the health team.

Keywords: aging of the black population; racism, family health strategy, capitalist mode of production, subjectivity.

**SUMÁRIO**


| | | |
|---|---|---|
| | **INTRODUÇÃO** | 13 |
| **1** | **A cartografia como instrumento metodológico** | 17 |
| **2** | **Capitalismo, escravidão e racismo** | 29 |
| 2.1 | A acumulação do capital e sua relação com a escravidão | 29 |
| 2.2 | Produção, Modo de produção e produção de subjetividade | 34 |
| 2.3 | Modo de produção e escravidão | 38 |
| 2.4 | Escravidão e racismo | 39 |
| 2.5 | Escravidão e envelhecimento | 45 |
| 2.6 | Escravidão e vozes abolicionistas | 46 |
| **3.** | **Políticas Públicas para a população negra** | 52 |
| 3.1 | A Atenção Básica | 52 |
| 3.2 | O Programa Saúde da Família | 59 |
| 3.3 | Políticas Públicas para a saúde população negra | 64 |
| 3.4 | Políticas Públicas voltadas para a saúde da pessoa idosa | 68 |
| **4** | **O envelhecimento da população negra** | 72 |
| 4.1 | Considerações sobre o envelhecimento | 72 |
| 4.2 | Envelhecimento da população negra | 75 |
| 4.3 | Desafios e possibilidades do envelhecimento da população negra | 81 |
| **5** | **Envelheceres possíveis** | 89 |
| 5.1 | Alguns apontamentos sobre a realização da pesquisa | 89 |
| 5.2 | Algumas considerações sobre ancestralidade e aquilombamento | 90 |
| 5.3 | D. Lara e a força do Candomblé | 92 |
| 5.4 | D. Tereza e a solidão | 106 |
| 5.5 | “Seu” Milton, o “errante” | 115 |
| 5.6 | “Seu” Gama, o sobrevivente | 123 |
| | **CONSIDERAÇÕES FINAIS** | 139 |
| | **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS** | 150 |

## Apresentação

Iniciamos nossos estudos sobre o envelhecimento na graduação a partir da atuação em uma Instituição de Longa Permanência de Idosos (ILPI), como parte do estágio de Envelhecimento e processos de subjetivação, com a Profª Drª Mariele Rodrigues Correa e nas Oficinas de Psicologia oferecidas como um projeto na Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI). Na Instituição de Longa Permanência de Idosos (ILPI) foi possível acompanhar uma pessoa idosa e escutar sua narrativa durante dois anos e isso acabou produzindo deslocamentos consideráveis sobre a velhice institucionalizada. Semanalmente no período de uma hora ouvia uma pessoa idosa recontar a sua história que transcendia o espaço físico ao mesmo tempo que era circunscrito pelo território. Em sua fala a pessoa idosa descrevia aspectos relacionados a sua vida e o sonho de sair do ambiente institucionalizado o que entrava em conflito com a realidade de sua condição. Havia em seu discurso um desejo que transcendia o tempo, o território e as condições físicas que essa pessoa idosa possuía.

Nas oficinas de Psicologia oferecidas como parte de um projeto da Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI) no campus da Unesp-Assis havia um grupo de pessoas idosas que se reuniam semanalmente com a finalidade de falar sobre suas impressões a respeito da velhice. O grupo, que no seu início era majoritariamente feminino, tornou-se exclusivo de mulheres com o passar de alguns encontros. Nos encontros semanais foi possível ouvir vários relatos sobre as vivências das mulheres e seu encontro com a velhice. Várias histórias emocionantes foram narradas e ressaltavam as múltiplas faces do processo de envelhecimento. Havia aspectos positivos principalmente relacionados à experiência adquirida com a idade e, ao mesmo tempo, impasses de angústia, como o luto, por exemplo. O grupo era heterogêneo com pessoas de classes sociais diferentes e que, por vezes, demonstravam o quanto o marcador econômico interfere na velhice destacando a relação com a saúde.

Ainda na graduação atuamos em outro estágio coordenado pelo Profº Drº Abílio Costa-Rosa em uma Unidade Básica de Saúde (UBS) na cidade de Assis-SP. Nele o objetivo era oferecer escuta através de grupos psicoterapêuticos. Inicialmente a ideia contava com o apoio da então secretária da saúde que desejava incluir a escuta terapêutica grupal na oferta do serviço de saúde para atendimento da população local através das Unidades Básicas de Saúde. O primeiro passo dado nesse sentido foi territorializar os usuários através do encerramento das atividades do Ambulatório de Saúde Mental que centralizava os atendimentos, tanto no âmbito psiquiátrico, quanto psicológico. A tentativa encontrou resistência porque esse não era a forma como o serviço atuava no ambulatório, ao contrário, a vinda até o grupo para atendimento

desconectava-se com a oferta de uma escuta individualizada. Mesmo com uma resistência inicial foi possível iniciar um grupo que teve sua duração abreviada pelo tempo, porque o final do ano já se aproximava.

Certa vez uma pessoa idosa entrou na Unidade Básica de Saúde informando que estava com uma dor muito forte nas pernas e que gostaria de atendimento imediato para alívio de seu sofrimento. Ela não pode ser atendida devido a uma série de fatores que envolvem o atendimento da atenção básica, contudo, foi esse quadro que produziu uma inquietação muito intensa e juntamente com processos narrados acima, a Universidade Aberta à Terceira Idade, a Instituição de Longa Permanência de Idosos que me levaram à pesquisa que associa envelhecimento e atenção básica, mais especificamente ao acolhimento de pessoas idosas nas Unidades Básicas de Saúde. Imediatamente após o término da graduação, iniciei o mestrado acadêmico no Programa de Pós-graduação da Unesp-Assis com a pesquisa referente ao acolhimento de idosos numa Unidade Básica de Saúde da cidade de Assis-SP. Durante o processo da pesquisa que durou alguns meses deparei-me com o fato de que não havia narrativas de pessoas negras e pessoas trans pelo motivo de não as encontrar no equipamento de saúde. Esse fato foi crucial para despertar algo adormecido, um não dito familiar que atravessou tempo e espaço para emergir sobre forma de desconforto, e que se desdobra na presente pesquisa sobre o envelhecimento da população negra.

Não se conta em nossa família a história de que nossa avó ancestral era uma pessoa escravizada. Por um acaso, ao comentar sobre a pesquisa com uma pessoa da família, ela retomou essa lembrança e isso nos deslocou de forma profunda. Nossa avó ancestral foi estuprada pelo senhor do engenho e engravidou. Com o passar dos meses a barriga foi aparecendo e isso despertou um ódio profundo da mulher do senhor que só descobriu o ocorrido aos nove meses de gravidez de nossa avó. Como castigo, foi amarrada no tronco e ali, torturada com inúmeros açoites. Diante de tanta violência e dor, o resultado é que a criança nasceu ali, uma menininha, um bebê num local de tortura. Mas ela sobreviveu, resistiu às demandas da vida e a sua descendência vive e hoje está aqui para contar essa história!

A partir daí nossa incursão na atual pesquisa mobilizou inúmeros afetos. Precisamos iniciar um caminho de letramento racial, e reconhecemos, que ainda está bem no início. Foi preciso romper cada barreira, revisitar cada memória e isso produzia inicialmente muita angústia. Percebemos que algumas vivências nada mais eram do expressões de um racismo que assola a sociedade brasileira e que por nós foi naturalizado. Assim iniciamos nossa pesquisa e, depois de todos os trâmites burocráticos, adentramos o campo vivendo experiências que serão narradas mais abaixo, em momento oportuno.

Nossa incursão no território foi acompanhada pelas Agentes Comunitárias de Saúde que nos relataram sobre o seu trabalho. Eram caminhos feitos à pé por cada rua, esquina, casa e isso nos permitiu vivenciar as experiências que se desenvolvem no território. Por vezes havia encontros das moradoras e moradores com as Agentes Comunitárias de Saúde que se cumprimentavam, falavam das demandas, encaminhavam possibilidades, falavam da vida. Andamos sob o sol, conhecemos pessoas, vivenciamos os desafios e alegrias de pessoas que residem nesse lugar.

Sem dúvida alguma, o momento mais significativo foi o encontro com as idosas e os idosos para a realização da pesquisa. Adentramos suas residências com respeito e admiração e cada casa com seu jeito, suas características expressavam a forma que cada idosa e cada idoso vivia ali. Os momentos das entrevistas eram muito agradáveis e demonstravam o quanto o papel da escuta se revela significativo. Os idosos não estavam diante em um equipamento de saúde, às vezes com uma rotina intensa, com um profissional que lhe faz perguntas técnicas somente sobre sua saúde. Em suas residências não havia um sentimento de vulnerabilidade, ao contrário, era um cenário de conforto e segurança porque estavam recebendo uma visita para ouvir a sua história.

Ressaltamos que as histórias não foram fáceis de escutar. Para nós, iniciantes no letramento racial, que já estávamos com inúmeras angústias em relação ao nosso lugar no mundo, ouvir cada uma dessas histórias serviu ainda mais para deslocar uma série de certezas que ainda restavam. Foi preciso retomar nossa caminhada reconhecendo quem somos e qual o nosso lugar no mundo. Num primeiro momento, nós nos deparamos com um chão movediço, não sabíamos para onde ir, reconhecemos que a angústia, por vezes, nos forçou a ficar paralisados na pesquisa. Não sabíamos como escrever, e quando conseguíamos uma brecha na angústia para nos dedicarmos às palavras elas eram duras, severas, e isso nos impedia de ir além.

Aos poucos o cenário foi assumindo outros contornos e conseguimos ver caminhos possíveis. A imersão na literatura juntamente com a revisitação nas entrevistas das idosas e dos idosos viabilizaram muitos desses contornos que nos relatavam histórias de resistência e esperança. Retomamos o caminho da escrita diante dessa resistência e esperança para, por um lado, denunciar o racismo e suas formas cruéis e, por outro viver as possibilidades para além dele. Afinal, juntamente com as idosas e os idosos entrevistados somos descendentes de quem resistiu e viveu, nossa ancestralidade circula nas nossas veias, na nossa memória, na nossa história e por isso, podemos afirmar com toda certeza, “somos negros”!

## Introdução

O tema do envelhecimento é discutido hoje sob múltiplos olhares, afinal envelhecer não é composto somente pelo componente biológico conforme Beauvoir (2016). Vários estudos são necessários diante desta multiplicidade do envelhecer até porque, segundo os dados demográficos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022. p. 1, grifo nosso) "a população de pessoas idosas residente no Brasil era de 32.113.490 pessoas, representando um acréscimo de 56,0% em relação àquela recenseada em 2010". Esses dados refletem um evento que vem se concretizando no Brasil há algum tempo no sentido de apontar para a redução do número de filhos, segundo o IBGE (2022, p.2) desde a década de 1960. Aliado a isso, temos "a redução da mortalidade em todos os grupos etários, incluindo entre as pessoas idosas".

Nesse sentido, refletir sobre o envelhecimento populacional requer que os olhares estejam atentos a outras questões que envolvem esse processo e auxiliam na sua compressão. Camarano (2002) aponta que o processo de envelhecimento trouxe consigo desafios para o qual o Brasil não se preparou. Por isso, faz-se necessário refletir sobre questões que envolvem o envelhecimento tais como, participação do idoso na população brasileira, feminização da velhice, solidão na velhice, inserção do idoso na família, mortalidade, condições de saúde e rendimentos. Silva (2019), aponta para um outro dado relevante para os estudos do envelhecimento que é a racialidade.

No Brasil as questões referentes à raça precisam ser aprofundadas diante da estrutura que se construiu o território brasileiro desde o tempo da invasão colonialista que envolvem "o racismo, o patriarcado, o machismo, a determinação de classes sociais e a religiosidade" (Silva, 2019, p. 1). Esses elementos estruturantes na sociedade brasileira revelam, de início, um movimento de desigualdade que acompanham os sujeitos negros, afinal, "para entender como envelhecem, é fundamental conhecer seus indicadores socioeconômicos e de saúde ao longo da vida" (Rabelo et al, 2018, p. 195).

Esse racismo estruturante em nossa sociedade (Almeida, 2020) produz desigualdade, sendo a discriminação um dos seus produtos, pois através dela existem práticas discriminatórias que envolvem as relações pessoais, as famílias, os territórios a serem ocupados, quais espaços sociais podem ser frequentados por pessoas negras e as instituições (Rabelo et al, 2018). Assim, o racismo e a discriminação racial produzem efeitos que podem influenciar o envelhecimento da população negra, pois "diversas pesquisas temáticas referentes à economia, educação, saúde, com variáveis como classe social, escolaridade, renda, cor/raça, idade, gênero, natalidade e mortalidade, apontam o segmento negro na base da pirâmide" (Barros; Brancos, 2017, p. 2).

Estudar o tema do envelhecimento a partir da racialidade oferece possibilidade de levantar diferenças que existem em variadas classes sociais e gênero. Camarano (2003, p. 35) indica aspectos relativos à velhice feminina demonstrando a grande preocupação com essa parte da população que é vista "como dependente e vulnerável não só do ponto de vista econômico, como também de debilidades físicas, o que pode acarretar perda de autonomia e incapacidade para lidar com as atividades do cotidiano". Por esse aspecto notamos que a velhice se configura de forma diferente na questão relativa às mulheres em relação aos homens, segundo Debert (1999).

A partir das desigualdades indicadas nota-se que há distinções entre os grupos e revelam que "as diferenças entre grupos sociais, são marcadores de desigualdades e ocorrem repetida e sistematicamente, gerando trajetórias que nem sempre terão o envelhecimento como linha de chegada para grupos sociais como pretos, pardos e indígenas" (Silva, 2019, p. 1). Além disso, esses determinantes sociais indicam que,

> Muitas dessas pessoas negras morrerão mais cedo, terão incapacidades funcionais mais cedo, irão residir em regiões sem oportunidades para o envelhecimento ativo, viverão sozinhas não por opção, algumas precisarão esconder sua identidade sexual ou não viver com a pessoa que gosta, enfim, muitas pessoas não farão 60 anos em decorrência desses determinantes sociais! (Silva, 2019, p. 1)

Nosso trabalho tem como foco as subjetividades produzidas no envelhecimento da população negra a partir da Estratégia da Saúde da Família num bairro periférico em uma cidade de porte médio do interior do Estado de São Paulo. Mais especificamente, nossa intenção é mapear o processo de subjetivação da velhice negra diante dos desafios impostos pelo capital na área da saúde oferecida por uma política pública. Para alcançar esse objetivo, no primeiro capítulo demonstraremos nossas ferramentas metodológicas utilizadas. A cartografia de Gilles Deleuze (1925-1995) e Félix Guattari (1930-1992) partindo da obra *Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia*. Esse referencial teórico-metodológico nos permite adentrar o campo de pesquisa em sua multiplicidade e nos concentrar no movimento que é produzido no encontro do pesquisador com os elementos pesquisados. Rompe-se com a fixidez do método segundo Passos; Barros (2010), e verifica-se os traços do percurso. Nesse processo metodológico utilizaremos o marxismo para nos auxiliar na análise dos dados. Esse movimento é significativo para podermos averiguar o Modo Capitalista de Produção e sua possível intervenção tanto na subjetividade dos sujeitos, no caso a população idosa negra, quanto nos equipamentos de saúde, no caso, a Estratégia da Saúde da Família.

No segundo capítulo temos por pretensão fazer uma aproximação do capitalismo com o processo de escravização. Nele discutiremos alguns pontos relativos ao modo capitalista de produção e sua possível articulação com o processo de escravização. Nosso desejo é encontrar, através dessa reflexão, algum sinal de que o modo capitalista de produção de alguma forma incidiu sobre o processo de subjetivação das pessoas escravizadas. Discutiremos a chegada da população negra escravizada via tráfico transatlântico no Brasil, suas características e o como foi o período pós-abolição. Qual a situação da população negra após a abolição e, qual a situação da população idosa negra? Como última parte deste segundo capítulo mencionaremos algumas vozes que se colocaram contra o processo de escravização.

O terceiro capítulo é dedicado às Políticas Públicas voltada para a Atenção Básica. Nesse percurso faremos uma reflexão sobre o território e sua importância para a saúde pública. Compreender essa noção possibilita adentrar a Estratégia da Saúde da Família e ver se existem intervenções do Modo Capitalista de Produção nessa política pública que podem produzir conflitos na relação dos trabalhadores com a população. Posteriormente falaremos um pouco sobre políticas públicas para a saúde da população negra e como ela tem se desenvolvido desde a sua implantação. Além disso, é preciso verificar se com a implantação, algumas desigualdades foram superadas ou permanecem mesmo diante da implantação de uma política específica para essa população. No final deste terceiro capítulo dedicaremos atenção às políticas públicas voltadas para o público idoso.

O quarto capítulo deste trabalho é dedicado ao envelhecimento da população negra. Para chegarmos até ele faremos algumas considerações sobre o processo de envelhecimento nas dimensões que envolvem a memória e o tempo. Posteriormente faremos uma reflexão sobre o envelhecimento da população negra, quais as questões são relativas à saúde, a renda e a moradia Como esses fatores interferem no envelhecimento dessa população quando se insere a questão da raça/cor? No final deste capítulo propomos uma reflexão sobre os desafios que a população negra enfrenta na questão da saúde e de sua condição de vida e, quais possibilidades essa população encontra para viver e resistir ao Modo Capitalista de Produção.

No quinto capítulo deste trabalho nos propomos a analisar o discurso de idosas e idosos pertencentes à população negra que foram entrevistados em nossa pesquisa de campo. Faremos uma breve consideração sobre como foi o processo de pesquisa e nossas impressões sobre as entrevistas. Em seguida indicaremos dois elementos que foram construídos durante a pesquisa que se configuraram como base de resistência da população negra na bibliografia utilizada. Nossa intenção é averiguar se esses dois elementos serão encontrados no discurso das idosas e dos idosos. As quatro entrevistas revelam aspectos da população negra que é atendida na

Estratégia da Saúde da Família, os desafios que encontraram, como manejaram seus impasses e quais estratégias de resistência utilizaram para viver.

## Considerações finais

*Será tempo o bastante que tenho pra viver?*
*Eu não sei, eu não posso saber*
*Mas enquanto houver amor, eu mudarei o curso da vida*
*Farei um altar pra comunhão*
*Nele, eu serei um com o mundo até ver*
*O ponto da emancipação*
*Porque eu descobri o segredo que me faz humano*
*Já não está mais perdido o elo*
*O amor é o segredo de tudo*
*E eu pinto tudo em amarelo*
Henrique Vieira / Emicida (Principia)

Em nosso percurso neste trabalho procuramos cartografar subjetividades no processo de envelhecimento da população negra atendida na Estratégia da Saúde da Família. A partir desse método cartográfico foi possível tecermos algumas considerações a respeito do processo de envelhecimento que ocorre nessa população. De início vimos que o capitalismo em seu modo de produção, utilizou-se do processo de escravização para se fortalecer ainda mais, tendo sido impulsionado pelas violentas invasões colonialistas. “A escravidão negra está intimamente ligada ao capitalismo como uma das condições de seu robustecimento. [...] esse modo de produção, responsável por traficar e escravizar nossos antepassados negros, segue de pé...” (Damasceno, 2022, p. 28). Bento (2022) aponta que o capitalismo une a questão de classe e cor, “capital e raça já se uniram há séculos: do tráfico negreiro transatlântico à destruição da população maia, asteca e guarani; dos combates portugueses na África Central aos inúmeros massacres em terras colonizadas...” (Bento, 2022, p. 41).

Nesse sentido, há uma relação intrínseca entre capitalismo e o processo de escravização. O Modo de Produção Capitalista impõe sobre os sujeitos uma outra vivência em relação ao produto de seu trabalho. Nos modos de produção pré-capitalistas a relação do sujeito com o trabalho era objetiva, de propriedade, o que resultava na “relação do indivíduo com as condições de trabalho e reprodução, ‘corpo objetivo de sua subjetividade’” (Costa-Rosa, 2013, p. 26). O Modo Capitalista de Produção é oposto ao modo anterior. Se antes o sujeito era o proprietário do seu trabalho e de suas condições objetivas, agora os existem outros proprietários, “o trabalhador ainda é dono da força de trabalho, mas já não proprietário dos outros meios de

produção – alteração da comunidade e, portanto, das condições objetivas de sua subjetividade" (Costa-Rosa, 2013, p. 34).

O capitalismo utiliza-se da escravização porque torna-se uma meio mais rápido de obtenção de lucro. São outros proprietários que detém os modos de produção utilizando a força de mão de obra escravizada, "já que o negro escravizado sairia mais barato" (Damasceno, 2022, p, 33). A elite da Europa, detentora dos meios de produção, após experimentar, de forma negativa, a escravização de indígenas e o trabalho de brancos engajados, compreendeu que o melhor seria a escravização dos povos africanos. Essa decisão se bifurca em dois sentidos

> Mais prática porque os comerciantes escravistas estavam familiarizados com as rotas de navegação ligadas à África e com transações comerciais com classes de dirigentes africanas. E mais produtiva porque – além de dificultar a resistência dos negros, sequestrando-os para um território que lhes era completamente estranho – os negros já conheciam inúmeras técnicas de trabalho, tais como a metalurgia, que os tornava mais produtivos do que a mão de obra indígena (Damasceno, 2022, p. 33).

Acrescenta-se a essa decisão de ir à África um componente fundamental que determinará as relações a serem estabelecidas entre os povos: a raça. Almeida (2020) indica que a partir do século XVIII o Iluminismo, como projeto de conhecimento, impulsionou um novo saber sobre o homem. Desta forma, lançou novos olhares para o estudo do ser humano, o que incluía a biologia, a economia, a psicologia e a linguística. Na esteira do conhecimento, as ferramentas utilizadas pelo Iluminismo constituíram "a comparação e, posteriormente, a classificação, dos diferentes grupos humanos com base nas características físicas e culturais" (Almeida, 2020, p. 26). Para Damasceno (2022), são os parâmetros do homem europeu que estabelecerão os modelos de sociedade. Amparados pela filosofia de René Descartes (1596-1650) estabeleceram critérios sobre as etnias e raças que versava sobre "a suposta ausência de racionalidade/alma entre os negros e indígenas; povos civilizados versus primitivos" (Damasceno, 2022, p, 39) e contribuíram para estabelecer as diferenças entre os seres humanos. Nesse sentido, o Iluminismo motivou inúmeras mudanças e revoluções, incluindo guerras contra as elites que estavam no poder com a finalidade de "um processo de reorganização do mundo" (Almeida, 2020, p. 26). Percebemos, assim que amparados pelo Modo Capitalista de Produção, o processo de escravização insere o critério raça como determinante para as suas ações. O racismo é utilizado como elemento de diferença, discriminação e, sobretudo, violência.

No Brasil, o racismo encontra amparo em teorias que, segundo Schwarcz (1993), chegam a partir de 1870 e não eram conhecidas, como "o positivismo, o evolucionismo, o darwinismo" (Schwarcz, 1993, p. 35). A chegada massiva dessas teorias contribuiu para o

desenvolvimento do racismo no Brasil a partir da utilização de conceitos “tais como ‘civilização’, ‘progresso’, ‘primitivo’, ‘evolução’ e, sobretudo ‘raça’” (Damasceno, 2022, p. 48). Raça, assim, é utilizada no Brasil como instrumento de dominação, principalmente em relação aos que não se enquadravam no padrão europeu. Albuquerque e Filho (2006) narram a chegada dos escravizados ao Brasil descrevendo um cenário traumático para essas pessoas pois, foram brutalmente retirados da terra de seus ancestrais e separados de suas famílias. Ao desembarcarem, logo compreendiam que seriam tratados como mercadoria, “passíveis de serem leiloados, vendidos, comprados, permutados por outras mercadorias, doados e legados. Significava, sobretudo, ser submetido ao domínio de seus senhores e trabalhar de sol a sol nas mais diversas ocupações” (Albuquerque e Filho, 2006, p. 65).

Bento (2022) destaca que esse processo de tráfico transatlântico era benéfico para os colonizadores europeus e informa que antes do processo de escravização as regiões da Ásia e da África eram estáveis financeiramente, muito melhores que a Europa. No entanto, houve uma inversão com a colonização e com isso, “uma destruição de estruturas econômicas e sociais tradicionais” (Bento, 2022, p. 29). Assim era muito mais rentável investir em uma pessoa escravizada mesmo que viesse do outro lado do Atlântico. Nesse sentido, “é no bojo do processo de colonização que se constitui a branquitude. Os europeus, brancos, foram criando uma identidade comum que usou os africanos, negros como principal contraste” (Bento, 2022, p. 28-29). Em terras brasileiras o processo de escravização operou por mais de três séculos de forma que grande parte a riqueza que se produzia “foi fruto da exploração do trabalho escravo” (Albuquerque; Filho, 2006, p. 65). A sociedade brasileira colonial, além de se estruturar na escravização, se constituía também como uma “sociedade racista na medida em que negros e mestiços, escravos, libertos e livres, eram tratados como “inferiores” aos brancos europeus ou nascidos no Brasil” (Albuquerque; Filho, 2006, p. 68).

Todo esse cenário racista produziu efeitos na população negra mesmo após a abolição. Ribeiro (2019) reconhece que, diante do processo histórico da população negra, o racismo se estruturou para moldar o Brasil. O efeito do racismo desde o período colonial é o privilégio que os brancos têm em relação aos negros, por isso “deve-se pensar como esse sistema vem beneficiando economicamente por toda a história a população branca, ao passo que a negra, tratada como mercadoria, não teve acesso a direitos básicos e à distribuição de riquezas” (Ribeiro (2019, p.9). Bento (2022) nomeia a sustentação desse privilégio como “pacto da branquitude”, que se caracteriza como um silêncio diante da hereditariedade que se perpetua através da herança. A discriminação passa a ser naturalizada justificando-se as mais diversas ações contra os negros por meio da meritocracia. Assim, “a meritocracia defende que cada pessoa é a única

responsável por seu lugar na sociedade, seu desempenho escolar e profissional etc. Parte de uma ideia falsa para chegar a uma conclusão igualmente falsa" (Bento, 2022, p. 21). Numa sociedade que desde o período pós-abolição dificultou o acesso da população negra em todos os sentidos, falar de meritocracia revela, no mínimo, um profundo desconhecimento da situação (Ribeiro, 2019).

Diante das questões que envolvem a escravidão no Brasil não podemos deixar de mencionar que sempre houve resistência por parte dos escravizados. Em nenhum momento devemos olhar para a população negra como pessoas que passivamente aceitaram as condições que foram impostas para elas. Segundo Albuquerque e Filho (2006) durante o período de escravização o povo negro resistia nas mais variadas formas, "através de diversas e criativas maneiras, os escravos buscaram tirar proveito da ideologia paternalista dos senhores ludibriando suas vontades e caprichos e, às vezes, invertendo a direção que eles pretendiam imprimir às suas vidas" (Albuquerque; Filho, 2006, p. 69). Nesse sentido, buscavam formas de escapar a condição de elemento produtor, para isso era necessário pensar e "criar espaços próprios para amar, constituir famílias, criar filhos, brincar, folgar, cultuar deuses africanos" (Albuquerque; Filho, 2006, p. 69). Além disso, usavam a memória das experiências vividas em solo africano para continuarem suas vidas e, a fuga era um elemento presente. "Fugir era perigoso, difícil e, geralmente, dependia da solidariedade de outros escravos, libertos e livres. Era preciso alguém que pudesse facilitar a fuga, fornecer abrigo, alimentação e trabalho para não levantar suspeitas" (Albuquerque; Filho, 2006, p. 118). Mesmo diante dos riscos, fugir representava resistir e sobreviver e, quando conseguiam, muitos recorriam aos quilombos, afinal "fugir do senhor e se juntar a outros rebeldes foi uma estratégia de luta..." (Albuquerque; Filho, 2006, p. 118).

Tendo isso em mente, prosseguimos para pensar sobre o racismo estrutural e seus desdobramentos para a população negra. Inicialmente é necessário compreender que em nossa pesquisa foi possível constatar que o racismo estrutural em nossa sociedade se desdobra em racismo institucional, em discriminação e em iniquidade. O racismo institucional "é tratado como resultado do funcionamento das instituições, que passam a atuar em uma dinâmica que confere, ainda que indiretamente, desvantagens e privilégios com base na raça" (Almeida, 2020, p. 37-38). A discriminação "é a atribuição de tratamento diferenciado a membros de grupos racialmente identificados" (Almeida, 2020, p. 32). E, a iniquidade "constitui-se das desigualdades nos índices de saúde que são consideradas inaceitáveis por sua desproporcionalidade e/ou caráter de injustiça, o que reflete a extrapolação de diferenças biológicas na determinação da saúde" (Faro; Pereira, 2011, p. 271-272). Além disso, é possível constatar o que Costa-Rosa (2013) descreve sobre a maneira que Modo Capitalista de Produção se coloca como

hegemônico nos serviços de saúde, privilegiando determinada classe e saber em detrimento do sujeito que sofre.

Recordamos esses elementos que encontramos em nossa pesquisa, para podermos prosseguir em nossas considerações para pensar o envelhecimento da população brasileira, e especial a população negra que é usuária do Sistema Único de Saúde. Envelhecer envolve múltiplos fatores segundo Beauvoir (2016), além disso, não é homogêneo para toda a população como indicam Rabelo et al. (2018), e podemos constatar esse dado nas entrevistas que foram realizadas com as idosas e os idosos. Em nossa incursão no campo de pesquisa, de início percebemos a dificuldade das Agentes Comunitárias de Saúde para localizar idosas e idosos pertencentes à população negra. Em um território que abrange aproximadamente quase quatro mil pessoas, a dificuldade de localizar oito idosos ou idosas corrobora com o que Rabelo et al. (2018) indicam no que se refere ao menor número de idosos e idosas negros e negras que envelhecem em relação à população branca. Além disso, outro dado significativo diz respeito à maneira como as Agentes Comunitárias de Saúde indicaram as pessoas participantes da pesquisa, ou seja, pelo olhar. Inserimos esta questão para refletir sobre o quão significativo é que o quesito raça/cor para a saúde como indicam Estrela et al. (2021).

As entrevistas representaram um momento potente para a elaboração da pesquisa por vários fatores, tais como encontrar o idoso ou idosa em sua residência, exercício da memória, entre outros. O conhecimento construído a partir do encontro movimentou nossos afetos e isso nos remete a que Romagnoli (2009) indica sobre o método cartográfico, a não neutralidade do pesquisador em seu campo, sendo atravessado por sensações, sentimentos e influências. As entrevistas reverberavam em nossa mente, produzindo reflexões que nos levavam a questionar nossa própria história, conforme indicamos na apresentação deste trabalho. Após um certo tempo, os próprios idosos e idosas não esperavam por perguntas, começavam a falar no momento que nos acomodávamos no ambiente. Isso nos remete ao que Bosi (1987, p. 17) diz: “na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho”.

O fato das idosas e dos idosos recordarem, exercitarem a memória compreende uma dimensão que está para além do tempo cronológico que é preso ao Modo Capitalista de Produção segundo Costa-Rosa e Costa-Rosa (2011). O tempo de recordação é precioso porque possibilita uma experiência no tempo presente conforme Correa (2011). As histórias, cada uma a seu jeito, com suas nuances e particularidades, narram uma vida, “a arte de narrar é uma relação alma, olho e mão: assim transforma o narrador sua matéria, a vida humana” (Bosi, 1994, p. 90). A memória é um aspecto fundamental para o processo de envelhecimento porque

possibilita burlar o Modo Capitalista de Produção e sua velocidade na busca constante por dinheiro, revisitar pode significar uma pausa na velocidade do tempo presente como indica CORREA (2011). Nesse sentido, o recordar era tão intenso, tão profundo, tão despreocupado com o tempo que, em muitas ocasiões era necessário que nós interrompêssemos a narrativa das idosas e dos idosos porque a impressão era de que o tempo havia sido suspenso naquele momento.

O envelhecimento da população negra e sua relação com a da saúde representa o movimento que nos propusemos a verificar. Como dissemos mais acima, o racismo na sociedade brasileira se estruturou de tal forma que a saúde não ficou isenta, ao contrário, é um campo onde pode-se perceber nitidamente seus desdobramentos na discriminação e na iniquidade. Os casos de discriminação e iniquidade narrados pelos idosos nas entrevistas foram marcados pela negligência médica e a violência com seus corpos. Como indica Fanon (2020), o encontro com o médico apresenta uma desigualdade entre médico e colonizado e, segundo Costa-Rosa (2013), há necessidade de que a equipe de trabalhadores se reconheça como sujeitos, sujeitos trabalhadores e levem em consideração a subjetividade do sujeito do sofrimento. Nas narrativas dos idosos percebemos que a negligência serve como instrumento de violência contra os corpos negros. Esses corpos que estão destinados à violência e à morte como indicam Rabelo et al. (2018) e Carneiro (2023).

A violência, por sinal, incide da mesma forma contra as mulheres negras. Nossas entrevistadas passaram por processos de luto decorrentes da morte dos filhos. Muitas vezes o luto é invalidado ou invisibilizado, porque sobre a mãe negra pesam vários estigmas em relação ao filho segundo Tavares (2021). É a forma de transformar os corpos negros em dóceis, que aceitem passivamente as formas de dominação e controle conforme Carneiro (2023). A tristeza das mães que ouvimos transcendia o momento, era perceptível a tristeza na fala, o tom de voz embargado, o choro que ameaçava sair. Esses sentimentos tão preciosos, tão verdadeiros que a sociedade branca insiste em silenciar como indica Tavares (2021). Há uma preocupação dos estudiosos da saúde da população negra em relação à violência no que diz respeito ao crescente número de jovens negros assassinados, inclusive pelo terrorismo do Estado segundo Tavares (2021). Isso demonstra o que Nascimento (2016) descreve como movimento de extermínio do negro brasileiro que está presente desde o momento pós-abolição através da miscigenação racial. As tentativas de embranquecimento da população foram feitas às custas da violência contra o corpo da mulher negra. É preciso que o outro diferente, aquele que não é desejável seja completamente eliminado conforme Carneiro (2023).

Podemos refletir sobre a relação do Modo Capitalista de Produção e sua inserção nos equipamentos de saúde. Na entrevista ouvimos que o idoso, ao pagar a consulta, nutre a perspectiva de ser melhor atendido e sua demanda encaminhada. Observamos que os equipamentos de saúde seguem uma lógica estrutural do Modo Capitalista de Produção ao negar a subjetividade do paciente, ou dito de outra forma, o sujeito do sofrimento. O paradigma hegemônico do capital que atua sob a égide do Modo Capitalista de Produção desconsidera a pertinência do equipamento como produtor de subjetividade (Costa-Rosa, 2013). Há, por exemplo, uma visão fragmentada da equipe em relação à forma de tratamento do usuário e isso pode prejudicar o sujeito do sofrimento porque implica numa "luta pela hegemonia entre essas visões de mundo" (Costa-Rosa, 2013, p. 60). Outra questão fundamental é a falta de um olhar sensível (Tótora, 2008), capaz de observar o sujeito do sofrimento para além do sintoma e do biológico. Como é possível um sujeito do sofrimento receber um remédio que prejudica sua saúde e não receber a devida atenção a ponto de perder um rim? Como um sujeito do sofrimento não foi devidamente acolhido em sua demanda e ainda é responsabilizado por ter parte do seu corpo amputado? Um olhar sensível pressupõe uma escuta sensível para o discurso do sujeito e sua subjetividade que está atravessada pelas demandas da vida que extrapolam o biológico (Costa-Rosa, 2013).

Diante disso, convém agora, perguntarmos sobre a contribuição da nossa pesquisa para o campo de estudos sobre o envelhecimento, mais especificamente sobre o envelhecimento da população negra. Há um aumento do número de estudos sobre envelhecimento que se ocupam dos vários fatores que implicam esse processo, como vimos, há variáveis nos campos da saúde, da educação, da moradia, de renda, de cuidados etc. segundo Camarano (2002); Camarano (2003) e Vieira et al. (2023). Entendemos que nosso trabalho contribui para ampliar e problematizar as questões que envolvem o envelhecimento da população negra e a sua subjetividade no campo da saúde e que isso abre possibilidades para outros estudos. Por isso, não temos por pretensão dizer que esgotamos o assunto e chegamos a um final. Ao contrário, assim como a próprio envelhecimento se mostra como movimento para além do tempo de produção do Modo Capitalista de Produção, há outros recortes possíveis para serem ampliados. Por exemplo, quais outros efeitos do racismo que se desdobram em discriminação e iniquidades se colocam como desafios para a população idosa negra no campo da saúde mental e afetam sua subjetividade?

Como vimos no capítulo 4 do presente trabalho, o envelhecimento populacional requer um olhar atento por parte dos profissionais com a finalidade de reconhecer esse processo para além dos estereótipos. Em nossa pesquisa, destacamos os desafios que essa população encontra durante seu percurso de vida que é atravessada pelo racismo. É possível encontrar eco com outras pesquisas e nosso estudo corrobora com o que Vieira et. al. (2023), Rabelo et. al. (2018),

Tavares (2021), Barros, Brancos (2017) e outros para demonstrar que o envelhecimento da população negra enfrenta desafios provocados pelo racismo que estabelecem desigualdades. Em função disso, constatamos que o processo de envelhecimento é significativamente diferente para negros em relação aos brancos. Nesse sentido, as idosas e os idosos entrevistados demonstraram que, em sua jornada de vida passaram, inclusive, por outras situações de violência e discriminação para além dos equipamentos de saúde. Foram narrados episódios de violência doméstica, de solidão na sua rede familiar e de trabalho análogo à escravização.

Um outro elemento que destacamos em nossa pesquisa é o papel da Atenção Básica através da Estratégia da Saúde da Família. Os documentos do Ministério da Saúde (2009; 2012; 2023) descrevem a relevância dessa política do Sistema Único de Saúde e como ela deve ser implantada nos territórios. Em função do Modo Capitalista de Produção que, como vimos acima, opera através de um paradigma hegemônico neoliberal, o território se apresenta como espaço de luta como indica SANTOS (2005) e verificamos que a Estratégia da Saúde da Família ainda é uma política em implantação. E há embates que se verificam principalmente na área dos recursos necessários para que a Estratégia da Saúde da Família seja adequadamente implantada em todos os seus sentidos segundo Faria (2020). Além disso, verificamos que as políticas públicas voltadas para a população idosa negra, tal como a Política Nacional de Saúde Integral da População Negra (2009) que preconiza um cuidado específico para essa população, ainda requer atenção para alcançar resultados mais expressivos.

As Agentes Comunitárias de Saúde representam um ponto a ser evidenciado em nossa pesquisa pela atuação junto ao território e a atenção ao cuidado da população residente. As idosas e os idosos expressaram a relevância do papel das Agentes Comunitárias de Saúde em suas atribuições de serem responsáveis por fazerem a ligação entre o usuário e a equipe de saúde conforme indicam Kluthcovsky e Takayanagui (2006). Verificamos que esse elo contém um aspecto técnico de cumprimento das funções pertinentes aos agentes comunitários de saúde conforme descrito pelo Manual do Agente Comunitário de Saúde do Ministério da Saúde (2009). Apesar do número expressivo de pessoas sob seus cuidados, elas conheciam muito bem o território, havia muita iniciativa diante das questões que apareciam em nossas caminhadas ao encontrar pessoas que solicitavam os mais diversos pedidos relativos à saúde e muita sensibilidade! Essa qualidade foi, a nosso ver, a chave que possibilitava o encontro com as pessoas, e, no nosso caso, foi possível constatar o quanto essa sensibilidade, acompanhada de uma escuta para além do sintoma, é significativa para as idosas e idosos entrevistados. Além disso, suas práticas demonstram, diante da complexidade do seu trabalho, um esforço significativo para atender as questões que envolvem o território como indicam Silva e Dalmaso (2002).

Até agora foi possível verificar que os resultados de nossa pesquisa encontraram ressonância com outras pesquisas sobre a população negra na área da saúde. Convém, nesse momento, destacar aspectos que avançamos e que consideramos relevantes para contribuir com os estudos sobre o processo de envelhecimento da população negra. Falamos sobre a subjetividade que encontramos nas idosas e idosos entrevistados. Costa-Rosa (2013) nos informa, através de Marx (2010), que o Modo Capitalista de Produção produz subjetividade na vida dos sujeitos a partir das condições de trabalho e da noção de propriedade. Passa-se de uma sociedade do carecimento para uma sociedade do consumo e com isso há uma saída da subjetividade do carecimento, portanto coletiva, para uma sociedade do consumo, voltada para individualização e alienação da vida. Nesse sentido, a subjetividade produzida pela população negra, embora esteja inserida no Modo Capitalista de Produção, insere um escape, um drible, segundo Costa-Rosa (2013), que se manifesta através da história do sujeito e em suas ações coletivas. Propomos que esses "dribles" se aproximem de dois conceitos relacionados à população negra, a saber, a ancestralidade, como uma aproximação à história do sujeito e, aquilombamento, para aproximá-lo às ações coletivas.

As entrevistas dos idosos revelaram que esses "dribles" são possibilidades que a população negra encontra diante dos desafios criados pelo Modo Capitalista de Produção através do racismo, da discriminação e das iniquidades. Já falamos que a população negra não aceitou as condições da escravidão sem propor resistência através de outras formas de viver. Resistir à opressão é uma questão de sobrevivência como indica Carneiro (2023) e os idosos entrevistados nos relataram suas formas de resistência indicando que é possível viver, amar, ressignificar, criar, driblar, escapar, fugir, burlar o Modo Capitalista de Produção se apoiando na ancestralidade e na força coletiva do aquilombamento. A força coletiva que se manifesta nos encontros dos vizinhos, nas expressões de fé, como o Candomblé, por exemplo, viabilizam fortalecer os laços de amizade, revisitar a memória, estabelecer novos vínculos e ampliar os antigos conforme Tavares (2021). Desde o início da chegada ao Brasil os escravizados se organizaram para resistir à violência imposta pelos senhores, buscavam e estabelecer um limite e a fuga estava sempre em mente segundo indicam Albuquerque e Filho (2006).

Nas entrevistas, os idosos relembravam suas histórias, os movimentos que fizeram para chegar até onde chegaram. Esse procedimento nos remete a ancestralidade do povo africano como herança, demonstração de que resistir e sobreviver são características que fortalecem os passos para prosseguir sua jornada conforme Oliveira (2023) através das narrativas que incluem os valores do povo negro. Isso nos fez pensar que esse exercício da memória, de buscar herança do povo negro, de lembrar sua história, seja o "drible" ao Modo Capitalista de Produção que os

idosos utilizam intensamente. A memória tem a capacidade de localizar o tempo, organizar o passado e desse modo reordená-lo. Esse movimento revela o passado como fonte do presente segundo Bosi (1994). A história contada de geração em geração e relembrada pela memória produz outras tantas e assim, entrelaçadas entre muitos fios e muitas mãos conforme indica Bosi (1994) e revelam a potência de vida coletiva do povo africano.

Encerramos esse trabalho com duas considerações sobre o papel da psicologia diante do envelhecimento da população negra. Certamente há muito o que fazer diante dos desafios que foram apresentados na área da saúde para que a população negra desfrute das políticas públicas sem racismo, discriminação e iniquidade. A primeira consideração que fazemos diz respeito ao papel da Psicologia. O envelhecimento da população negra não é exclusivo de um único saber, como a medicina, por exemplo, e outros saberes podem contribuir para que esse processo seja vivido com as suas possibilidades e potência de vida. Propomos que a Psicologia, muitas vezes convocada para atuar no envelhecimento, se coloque de forma contundente contra o racismo estruturante em nossa sociedade. Para isso é necessário não somente reconhecer que ele atravessa a vida e a história da população negra idosa, mas também intervir de forma que suas ações e movimentos ampliem as possibilidades que os próprios velhos negros já construíram como resistência. Dito de outra forma, uma psicologia antirracista oferece ao sujeito negro a possibilidade que ele emerja com seus "dribles" ao Modo Capitalista de Produção, potencializando o desejo de vida de idosas e idosos negros.

Nossa segunda consideração é um desdobramento da primeira no que se refere a uma Psicologia antirracista e enfatiza a maneira como deve ser a sua atuação, ou seja, na prática ela precisa de dois elementos fundamentais e não que sejam os únicos, contudo foram os que encontramos em nossa jornada junto as idosas e os idosos negros. Sendo assim, é necessário sensibilidade conforme indica Tótora (2008) para escutar e compreender as demandas apresentadas por essa população sem a pressão do tempo que o Modo Capitalista de Produção exerce sobre a vida cotidiana segundo indicam Costa-Rosa e Costa-Rosa (2011) e Correa (2011). Sem sensibilidade ficamos presos ao capital e suas estruturas racistas que desmerecem, desumanizam e desqualificam o sofrimento do povo negro e impedem de escutar e ver as possibilidades de resistência que idosas e idosos criam para sobreviverem. Outro elemento diz respeito a ética na escuta e intervenção junto a população idosa negra. Ao mencionar ética aqui não pensamos no modelo assistencialista, caridoso, compassivo, ao contrário, propomos uma ética que possa ampliar ações e movimentos independentes para que o sujeito emerja com as suas possibilidades, seus dribles, suas fugas, suas rotas, etc., diante da tirania do capital.

A ética do envelhecimento da população idosa negra cria dribles para se defenderem do sofrimento que se relaciona a esse momento de suas vidas. São saídas possíveis diante da realidade que experimentaram durante o trajeto de suas vidas. São subjetividades que emergem como resistência, portanto nada mais que justas. Esperamos que nosso trabalho contribua para que a população idosa negra encontre uma escuta ética e sensível na psicologia e ações e movimentos que contribuam para que essas subjetividades de resistência e sobrevivência sejam cada vez mais presentes em suas vidas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS


AGÊNCIA IBGE. PNAD Contínua 2019: rendimento do 1% que ganha mais equivale a 33,7 vezes o da metade da população que ganha menos. 2020. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de noticias / releases / 27594 - pnad - continua-2019-rendimento-do-1-que-ganha-mais-equivale-a-33-7-vezes-o-da-metade-da-populacao-que-ganha-menos. Acesso em: 21 de out. de 2020.

AGÊNCIA IBGE. PNAD Contínua 2016: População chega a 205,5 milhões, com menos brancos e mais pardos e pretos Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/18282-populacao-chega-a-205-5-milhoes-com-menos-brancos-e-mais-pardos-e-pretos. Acesso e, 21 de out. de 2020.

ALMEIDA, S. L. **Racismo estrutural**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.

ALBUQUERQUE, W. R.; FILHO, W. F. **Uma história do negro no Brasil.** Salvador, Centro de Estudos Afro-Orientais. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

ALMEIDA. D. S. O.; MARTINS, R. C. **Criança: um histórico de violências**. In: Educação em Revista. Marília: v.10, n.2, p.57-72, jul.-dez. 2009

ASSIS, M. M. A., et al. **Atenção Primária à saúde e sua articulação com a Estratégia da Saúde da Família: construção política, metodológica e prática**. In: Revista APS (Atenção Primária em Saúde). Juiz de Fora: v. 10, n.2, p. 189-199, jul./dez, 2007.

BARBOSA, R. R. S., et al. **Vozes que ecoam: racismo, violência e saúde da população negra.** In: R. Katál. Florianópolis: v.24, n. 2, p. 353-363, maio/ago, ISSN 1982-025, 2021

BARROS, C. S.; BRANCOS, S. I. D. **Envelhecimento da população negra, desigualdade racial e qualidade de vida.** In: UNIESP. São Paulo: 2017.

BATISTA, L. E.; BARROS, S. **Enfrentando o racismo nos serviços de saúde**. In: Cad. Saúde Pública. Rio de Janeiro: 33, Sup 1:e00090516, 2017.

BENTO, C. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BESSA, T. A. et al. **Amizade e solidão na velhice: uma revisão integrativa da literatura**. In: KAIRÓS-GERONTOLOGIA. São Paulo: v. 27, n. 3, 2024.

BOSI, E. **Lembranças de velhos**. São Paulo: EDUSP, 1987.

BOSI, E. **Memória e Sociedade: lembranças dos velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRASIL. **LEI SEXAGENÁRIO** 5 Cf. Coleção de Leis do Império do Brasil, 1808-1889. Atos do Poder Legislativo de 1885.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Estatuto do Idoso** / Ministério da Saúde - 3. ed., - Brasília, Ministério da Saúde, 2013.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Políticas de Saúde, Política Nacional de Atenção Básica e Política Nacional de Vigilância em Saúde no Brasil** [recurso eletrônico] / Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Secretarias Municipais de Saúde. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Brasília: Ministério da Saúde, 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Trabalho do agente comunitário de saúde** / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. Brasília: Ministério da Saúde, 2009.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa **Nacional por amostra de domicílio: síntese de indicadores 2015**. Coordenação de Trabalho e Rendimento. Rio de Janeiro: IBGE, 2016.

BRASIL. Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada. **PNAD 2009 – Primeiras análises: tendências demográficas**. Rio de Janeiro: 13 de outubro de 2010.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Política Nacional de Atenção Básica / Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Brasília: Ministério da Saúde, 2012.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa e ao Controle Social. **Política Nacional de Saúde Integral da População Negra: uma política para o SUS** / Ministério da Saúde, Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa, Departamento de Apoio à Gestão Participativa e ao Controle Social. – Brasília: 3 ed, Editora do Ministério da Saúde, 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria nº 992. Institui a Política Nacional de Saúde Integral da População Negra.** 13 de maio de 2009. Brasília: 2009.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. **Departamento de Articulação Interfederativa. Temático Saúde da População Negra** / Ministério da Saúde, Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa, Departamento de Articulação Interfederativa. - Brasília: Ministério da Saúde, 2016.

CAMARANO, A. A. **Mulher idosa: suporte familiar ou agente de mudança? Estudos Avançados.** São Paulo: EDUSP, v. 17, p. 17-35. 2003.

CAMARANO, A.A. **Envelhecimento da população brasileira: uma contribuição demográfica**. In: Texto para discussão n. 858. Rio de Janeiro: IPEA, 2002.

CAMARGO, C. L. et al. **Violência contra crianças e adolescentes negros: uma abordagem histórica.** In: Texto Contexto Enfermagem. Florianópolis: Out-Dez; 14(4):608-15, 2005.

CARNEIRO, S. **Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser**. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

CASTILHO, M. D. et al. A solidão da mulher negra. **CONTRIBUCIONES A LAS CIENCIAS SOCIALES**, *[S. l.]*, v. 17, n. 5, p. e6100, 2024. DOI: 10.55905/revconv.17n.5-114. Disponível em: https://ojs.revistacontribuciones.com/ojs/index.php/clcs/article/view/6100. Acesso em: 3 fev. 2025.

CORREA, M. R. **Cartografias do envelhecimento na contemporaneidade: velhice e terceira idade.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

COSTA-ROSA, Abílio da. **Atenção Psicossocial além da Reforma Psiquiátrica: contribuições a uma Clínica Crítica dos processos de subjetivação na Saúde Coletiva**. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

COSTA-ROSA, A.; COSTA ROSA, T. E. **Envelhecimento, tempo e desejo na hipermodernidade.** In: TRENCH, B. & COSTA ROSA, T. E. (org). Nós e o outro: envelhecimento, reflexões, práticas e pesquisa. São Paulo: Instituto de Saúde, 2011.

DAIBERT, Bárbara I. R. Simões; MORAIS, Tatiane Carvalho. **Memórias apagadas. O abolicionismo e a voz-liberdade de Maria Firmina dos Reis no século XIX.** Revista Espacialidades [online]. 2020.2, v. 16, n. 2, ISSN 1984-817X.

DAMASCENO, W. M. **Racismo, escravidão e capitalismo no Brasil: uma abordagem marxista.** Bauru: SP, Mireveja, 2022.

DA MOTTA, B. A. IDADE E SOLIDÃO: a velhice das mulheres. **Revista Feminismos**, *[S. l.]*, v. 6, n. 2, 2019. Disponível em: https://periodicos.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/30390. Acesso em: 3 fev. 2025.

DANIELI, João Paulo; NIERDERMAYER, Isabel Cristina. **Método do Materialismo Histórico-dialético: apontamentos teóricos e sua contribuição para a educação**. In: ALMEIDA, Paula. et all. Escola em tempos de conexões. Campina Grande: Realize editora, 2022. ISBN 978-65-86901-51-1 DOI 10.46943/VII.CONEDU.2021.03.000

DAVID, E. C. **Saúde mental e relações raciais: desnorteamento, aquilombação e antimanicolonialidade.** São Paulo: Perspectiva, 2024.

DEBERT, G. G. **A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento**. São Paulo: EDUSP, 1999.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Editora 34, v. 1, 1995.

DESSEN, Maria Auxiliadora. **Estudando a família em desenvolvimento: desafios conceituais e teóricos.** In: Psicologia, Ciência e Profissão. Brasília: 30 (núm. esp.), 202-219, 2010.

DEVULSKY, A. **Estado, racismo e materialismo**. In: ALMEIDA, Silvio (org.). Marxismo e a questão racial. São Paulo: Editora Boi Tempo, 2016.

DIAS, M. J. S; SERRA, J. Mulher, velhice e solidão: uma tríade contemporânea? **Serviço Social e Saúde**, Campinas, SP, v. 17, n. 1, p. 9–30, 2018. DOI: 10.20396/sss. v17i1.8655190. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/sss/article/view/8655190. Acesso em: 3 fev. 2025.

DUARTE, R. **Entrevistas em pesquisas qualitativas.** Revista Educar. Curitiba: Editora UFPR, n. 24, p. 213-225, 2004.

ENGELS, F. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

ESCORSIM, S. M. **O envelhecimento no Brasil: aspectos sociais, políticos e demográficos em análise**. In: Serv. Soc. Soc., São Paulo, n. 142, p. 427-446, set./dez. 2021.

ESTRELA, C. R. et all. **O quesito raça/cor e a equidade no Sistema Único de Saúde: critérios atravessados pelo contexto racial brasileiro**. In: BARBOSA, I. R. et all (Orgs). Raça e saúde [recurso eletrônico]: múltiplos olhares sobre a saúde da população negra no Brasil./ organizadores, Isabelle Ribeiro Barbosa, Kezauyn Miranda Aiquoc, Talita Araújo de Souza. - Dados eletrônicos )1 arquivo: 2.7 Mb), Natal, RN, EDUFRN, 2021.

FANON, F. **Medicina e colonialismo**. Brasil: Terra sem amos, 2020.

FANON, F. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1968.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FARIA, R.M. **A territorialização da atenção básica à saúde do sistema único de saúde do Brasil**. Ciência Saúde Coletiva **[periódico na internet]** (2019/Mai). [Citado em 19/08/2020]. 25(11):4521-4530, 2020 **Está disponível em:** http://www.cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/a-territorializacao-da-atencao-basica-a-saude-do-sistema-unico-de-saude-do-brasil/17225?id=17225.

FARIA, R.M.; BORTOLOZZI, A. **Território e Saúde na Geografia de Milton Santos: teoria e método para o planejamento territorial do Sistema Único de Saúde no Brasil**. In: Revista Ra'e Ga, Curitiba, v.38, p. 291 - 320, Dez/2016.

FARO, A.; PEREIRA, M. E. **Raça, racismo e saúde: a desigualdade social da distribuição do estresse.** In: Estudos de Psicologia. Campinas: 16(3), 271-278, setembro-dezembro/2011.

FERNANDES, M. T. O.; SOARES, S. M.. **O desenvolvimento de políticas públicas de atenção ao idoso no Brasil**. In: Revista Escola Enfermagem USP. São Paulo: v. 46, n. 6, p. 1494-1502, Dec., 2012.

FOUCAULT, M. **Segurança, território, população: curso dado no Collège de France (1977-1978)**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FRIGOTTO, G. **O enfoque da dialética materialista histórica na pesquisa educacional**. In: FAZENDA, Ivani (Org.). Metodologia da pesquisa educacional. São Paulo: Cortez, 2000.

HERINGER, R. **Desigualdades raciais no Brasil: síntese de indicadores e desafios no campo das políticas públicas**. Rio de Janeiro: Cadernos de Saúde Pública 18, Suplemento, (57-65), 2002.

ILKA. **Processo de envelhecimento brasileiro, racismo e gênero: aproximações necessárias**. In: Anais do 16º Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social. Vitória: 2 a 7 de dezembro de 2018.

INOUYE, K. et al. **Percepções de Suporte Familiar e Qualidade de Vida entre Idosos Segundo a Vulnerabilidade Social**. In: Psicologia: Reflexão e Crítica, Porto Alegre: 23(3), 582-592, 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo demográfico 2010: características da população e dos domicílios, resultados do universo**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística; 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo demográfico 2022. População por idade e sexo. Pessoas idosas (60 anos ou mais de idade)**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística; 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil. Estudos e Pesquisas**. Informação Demográfica e Socioeconômica, n.41, 2019c. Disponível em https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA) - **Retrato das desigualdades de gênero e raça** / Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ... [et al.]. - 4ª ed. - Brasília: Ipea, 2011.

JÚNIOR, M. F. B. **Da diáspora ao terreiro: os processos rituais do Candomblé no Egbé Onígbadamu, estética e performance**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Goiás. Goiânia: 2014.

KALCKMANN, S, et al. **Racismo institucional: um desafio para a equidade no SUS?** In: Revista Saúde Sociedade, São Paulo: v.16, n.2, p.146-155, 2007.

KASTRUP, V.; PASSOS, E. **Cartografar é traçar um plano comum**. In: Fractal, Rev. Psicol., v. 25 – n. 2, p. 263-280. Niterói: Universidade Federal Fluminense, Maio/Ago. 2013.

KILOMBA, G. **Memórias da plantação**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KIMURA, L. et all. **Ancestralidade: genética, herança e identidade**. In: Revistas Genética na Escola. São Paulo: Sociedade Brasileira de genética, vol. 17, nº 1, 2022.

KLUTHCOVSKY, A.C.G.C; TAKAYANAGUI, A.M.M. **O trabalho do Agente Comunitário de Saúde.** In: Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade. Rio de Janeiro: v.2, n° 5, abr / jun 2006.

LOVEJOY, Paul E. **A escravidão na África: uma história de suas transformações.** Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2002.

MARTINES, W. R. V.; MACHADO, A. L.; COLVERO, L. de A. A cartografia como inovação metodológica na pesquisa em saúde. **Tempus – Actas de Saúde Coletiva**, *[S. l.]*, v. 7, n. 2, p. Pág. 203–211, 2013. DOI: 10.18569/tempus.v7i2.1354. Disponível em: https://www.tempusactas.unb.br/index.php/tempus/article/

MARX, K. **A ideologia alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846).** São Paulo: Boitempo, 2007

MARX, K. **Contribuição à Crítica da Economia Política**. Tradução e introdução de Florestan Fernandes. 2.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MARX, K. **Contribuição à Crítica da Economia Política**. 2a edição. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

MARX, K. **Formações econômicas pré-capitalistas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra 1985.

MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boi Tempo, 2010.

MARX, K. **Miséria da filosofia: resposta à filosofia da miséria, do Sr Proudhon**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

MARX, K. **O capital: crítica da economia política (livro 1, vol 2).** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

MASSIGNAM, F. M. et all. **Discriminação e saúde: um problema de acesso**. In: Epidemiologia Serv. Saúde. Brasília, 24(3), 541-544, jul-set., 2015.

MBEMBE, A. **Crítica da razão negra**. Brasil: Instituto Français, n-1edicoes.org, 2018.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento. Pesquisa qualitativa em saúde.** 14 ed. São Paulo, HUCITEC Editora, 2014.

MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis, Vozes, 2001.

MOTTA, J. F. **O tráfico de escravos velhos (Província de São Paulo, 1861-1887**). In: História: Questões & Debates. Curitiba: Editora UFPR, n. 52, p. 41-73, jan./jun. 2010.

MOURA, C. **História do negro brasileiro**. São Paulo: Editora Ática, 1992.

NASCIMENTO, A. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. São Paulo: Perspectivas, 2016.

NASCIMENTO, A. **O quilombismo. Documentos de uma militância pan-africanista**. São Paulo: Editora Perspectiva, Rio de Janeiro, Ipeafro, 2019.

NASCIMENTO, B. **O conceito de quilombo e a resistência cultural negra**. In: RATTS, Alex. Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006.

NAVARRO, P. **Enunciado, subjetivação e "melhor idade**". Estudos Linguísticos. São Paulo: 40 (3): p. 1551-1561, set-dez, 2011.

NEPOMUCENO, R.C.A et all. **O trabalho dos Agentes Comunitários de Saúde à luz da Teoria Comunidades de Prática**. In: Ciência & Saúde Coletiva, Rio de Janeiro: 26(5):1637-1646, 2021.

NETTO, J. P. **Introdução ao estudo do método de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

NOGUEIRA, I. B. **A cor do inconsciente**. São Paulo: Perspectiva, 2021.

OLIVEIRA, E. D. **A ancestralidade na encruzilhada**. Curitiba: Gráfica Popular, 2007.

OLIVEIRA, J. J. **Ancestralidade e Afro-brasilidade**. In: Revista Mosaico, Goiás-GO: v. 16, p. 108-124, 2023.

OLIVEIRA, J. **Ancestralidade e modernidade**. In: OLIVEIRA, Jurema (Org). Africanidades e brasilidades - cultura e territorialidades. - Dados eletrônicos. – Vitória: EDUFES, 2023.

OLIVEIRA, M. O.; MOSSI, C. P**. Cartografia como estratégia metodológica: inflexões para pesquisas em educação.** In: Conjectura: Filos. Educ. Caxias do Sul: v. 19, n. 3, p. 185-198, set./dez. 2014.

OLIVEIRA, V. S.; SANTANA, M. **Ancestralidades, identidade étnica e etnicidades no centro da resistência.** In: ODEERE – Revista do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade. Jequié – BA: ISSN: 2525-4715 – Ano 2019, Volume 4, número 8, Julho – Dezembro de 2019.

OLIVEIRA, T. F. **Materialismo histórico e dialético e a pesquisa em educação: considerações metodológicas a partir das obras de Marx**. In: Germinal: marxismo e educação em debate, Salvador, v.15, n.2, p.407-429, ago. 2023. ISSN: 2175-5604.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Saúde mental depende de bem-estar físico e social, diz OMS em dia mundial.** Nova York, 2016. Disponível em: https://nacoesunidas.org/saudemental-depende-de-bem-estar-fisico-e-social- diz-oms-em-dia-mundial/. Acesso em: 24 jan 2025.

ORGANIZACIÓN MUNDIAL DA SAÚDE - OMS. **Atención Primaria de Salud. Informe conjunto Del Director General de la Organización Mundial de la Salud e Del Director Ejecutivo del Fondo de las Naciones Unidas para la Infância**. In: CONFERENCIA INTERNACIONAL SOBRE ATENCIÓN PRIMARIA DE SALUD, Alma Ata (URSS), 6 de septiembre de 1978. Geneve: OMS, 1978.

PACHECO, A. C. L. **Raça, gênero e escolhas afetivas: uma abordagem preliminar sobre solidão entre mulheres negras na Bahia**. In: Temáticas. Campinas: 11(21/22):11-48, jan./dez. 2003.

PASINATO, M. T.; CAMARO, A. A. O envelhecimento populacional na agenda das políticas públicas. In: CAMARANO, A. A (org). **Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60?** Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2004.

PASSOS, E.; BARROS, R. B. B. **A cartografia como método de pesquisa-intervenção**. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (org.) *Pistas do método da cartografia*: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, p. 17-31, 2010.

PASSOS, E.; BARROS, R. B. **A construção do plano da clínica e o conceito de transdisciplinaridade.** Psicologia: Teoria e Pesquisa, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 71-79. 2000. Disponível: < em http://www.scielo.br/pdf/ptp/v16n1/4390.pdf >. Acesso em: 21 nov. 2024.

PEREIRA, E. D. **O dia de Jerusa**. Youtube, 25 de agosto de 2017. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=0RY3pkRcPiQ&t=97s&ab_channel=Odunfp.

PÉRICO, W. **Ensaios sobre psicanálise, instituições e luta de classes no campo da Saúde Mental Coletiva**. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Tese de Doutorado, 2021.

RABELO, D. F., et all. **Racismo e envelhecimento da população negra**. In: *Revista Kairós-Gerontologia, 21*(3), 193-215. ISSNe 2176-901X. São Paulo (SP), Brasil: FACHS/NEPE/PEPGG/PUC-SP, 2018.

REIS, M. F. **Úrsula**. Jundiaí-SP: Cadernos do Mundo Inteiro, 2018.

REIS, L. A.; TRAD, L. A. B. **Percepção de idosos com comprometimento da capacidade funcional acerca do suporte familiar**. In: Revista Kairós Gerontologia, 19(Número Especial 22, "Envelhecimento e Velhice"), pp. 175-189 São Paulo (SP): 2016. ISSNe 2176-901X

RIBEIRO, D. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo, Companhia das Letras, 2019.

RIBEIRO, I. G. S.; BENELLI, S. J. **Jovens negros em conflito com a lei e o racismo de Estado**. In: Revista Interdisciplinar de Direitos Humanos. Bauru: v. 5, n. 1, p. 245-262, jan./jun., 2017.

RIOS, A. M.; MATTOS, H. M. **O pós-abolição como problema histórico: balanços e perspectivas**. In: Topoi. Rio de Janeiro: v. 5, n. 8, pp. 170-198, jan.-jun. 2004.

ROBINSON, C. J. **Marxismo negro: a criação da tradição racial negra.** São Paulo, Perspectiva, 2023.

RODRIGUES, N. C. **Política Nacional do Idoso – Retrospectiva histórica.** In: Estudos interdisciplinares do envelhecimento. Porto Alegre: v. 3, p. 149-158, 2001.

ROMAGNOLI, R. C. **A cartografia e a relação pesquisa e vida.** In: Psicologia e Sociedade, Porto Alegre: 21 (2), 166-173, 2009.

SANTOS, M. **O retorno do território**. En: OSAL : Observatorio Social de América Latina. Año 6 no. 16 (jun. 2005). Buenos Aires: CLACSO, 2005- . -- ISSN 1515-3282.

SANTOS, V. A. et al. **A saúde das mulheres negras: atuação da psicologia na atenção básica**. In: Revista Saúde e Sociedade. São Paulo: v.32, n.2, e220410pt, 2023.

SILVA, A. **O envelhecimento na perspectiva do racismo e de outras formas de discriminação: influências dos determinantes institucionais e estruturais para a vida das pessoas idosas.** In: Rev. Bras. Geriatr. Gerontol. Rio de Janeiro: 22(4):e190210, 2019.

SILVA, A. et al. **Iniquidades raciais e envelhecimento: análise da coorte 2010 do Estudo Saúde, Bem-estar e Envelhecimento (SABE).** In: Rev. Bras. Epidemiologia. Rio de Janeiro: 21(SUPPL 2): E180004.SUPL.2, 2018.

SILVA, J. A; DALMASO, A.S.W. **O agente comunitário de saúde e suas atribuições: os desafios para os processos de formação de recursos humanos em saúde.** In: Interface - Comunicação, Saúde, Educação. Botucatu: v6, n10, p.75-96, fev 2002.

SODRÉ, M. **O fascismo da cor: uma radiografia do racismo nacional**. Petrópolis: Vozes, 2023.

SOUZA, K. N. et al. **"Pra nós que somos negras, tudo é mais difícil". Cartografia de uma mulher negra em sofrimento psíquico**. In: Physis, Revista de Saúde Coletiva. Rio de Janeiro: v. 33, e33070, 2023.

SOUZA, L. M. **O Diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colônia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

SOUZA, M. A. A. **Milton Santos, um revolucionário**. In: Santos, Milton. O retorno do território. En: OSAL: Observatorio Social de América Latina. Año 6 no. 16 (jun. 2005- ). Buenos Aires: CLACSO, 2005- . -- ISSN 1515-3282

SOUZA, N. S. **Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

SOUZA, R. F. et al. **Envelhecimento e família: uma nova perspectiva para o cuidado de enfermagem**. In: Revista Brasileira de Enfermagem. Brasília: maio-jun, 60(3), 263-267, 2007.

SCHWARCZ, L. M. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870 -1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

TAVARES, J. S. C. **Expressão do luto na população negra: entre o invisível e o patológico**. In: Jacimara Souza Santana. (Org.). Saúde das populações negras na América e África. 1ed. Salvador: EDUNEB, p. 63-83, 2021.

TEIXEIRA, B. R. et all. **Direitos da pessoa idosa: Saúde da População Idosa Negra**. Rio de Janeiro: Faculdade de Serviço Social\UERJ em parceria com o Núcleo de Atenção à Saúde do Idoso, 2022.

TEIXEIRA, S. M. **Envelhecimento do trabalhador e as tendências das formas de proteção social na sociedade brasileira.** In: Argumentum, Vitória: v. 1, n. 1, p. 63-77, jul./dez. 2009.

TEIXEIRA, S. M. **Envelhecimento, família e políticas públicas: em cena a organização social e do cuidado.** In: Serv. Soc. Soc. São Paulo: n. 137, p. 135-154, jan./abr. 2020.

TÓTORA, S. **Apontamentos para uma ética do envelhecimento**. In: Revista Kairós. São Paulo: 11(1), pp. 21-38, jun. 2008.

TRAD, L. A. B. et all. **Acessibilidade à atenção básica a famílias negras em bairro popular de Salvador**, Brasil. In: Rev. Saúde Pública. São Paulo: 46(6):1007-13, 2012.

VIANA, N. **Marx e o modo de produção camponês**. In: Crítica Desapiedada. Disponível em: https://criticadesapiedada.com.br/2021/12/16/marx-e-o-modo-de-producao-campones-nildo-viana/. Acesso em 03 de fevereiro de 2025.

VIEIRA, P.P.F. et all. **Envelhecimento e desigualdades raciais**. São Paulo: Centro Brasileiro de Análise e Planejamento Cebrap, Livro eletrônico, 1ª edição, 2023.

XAVIER. R. S. **A solidão da mulher negra e os reflexos na dignidade da pessoa humana**. In: Revista Eletrônica OAB/RJ, Edição Especial "O Direito e as Mulheres Negras" http://revistaeletronica.oabrj.org.br, Rio de Janeiro, 2020.

WERNECK, J. **Racismo institucional e saúde da população negra**. In: Saúde Soc. São Paulo: v.25, n.3, p.535-549, 2016.

ZIN, R. B. **Escritoras abolicionistas no Brasil-Império: Maria Firmina dos Reis e Júlia Lopes de Almeida na luta contra a escravidão**. Tese de Doutorado. São Paulo: Pontífice Faculdade Católica de São Paulo, 2022.